

A INCORPORAÇÃO SEMÂNTICA NA AQUISIÇÃO DO NOME NU SINGULAR NA POSIÇÃO PÓS-VERBAL

Luciana Santos BRITO (Universidade Federal do Piauí)¹

Ronald Taveira da Cruz (Orientador - Universidade Federal do Piauí)

RESUMO: este artigo procura mostrar os resultados parciais de uma pesquisa com crianças adquirindo o PB, por isso tem dois objetivos: o primeiro é observar e discriminar dentro de uma abordagem da semântica formal e sintaxe gerativa se as crianças fazem distinção no traço de especificidade entre singulares nus e definidos, em virtude de Taveira da Cruz (2008) defender que há diferenças entre os mesmos em relação ao traço de especificidade: o traço [+esp] é usado preferencialmente em casos cujo nome vem acompanhado do artigo definido. E o segundo é de confirmar ou não a hipótese (Taveira da Cruz, no prelo) de que as crianças adquirindo o nome nu na posição pós-verbal podem oscilar entre uma leitura incorporada e uma não-incorporada, se sim, surge mais uma evidência que confirma a tese de Taveira da Cruz (2008) de que a incorporação no PB ocorre somente em alguns casos como: *jogar-bola*; *tomar-café* e *pegar-onda*.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição. Singular Nu. Incorporação Semântica.

1. Introdução

A presente análise procura entender como ocorre a incorporação nominal na aquisição do nome nu na posição pós-verbal no Português do Brasil (PB), por isso tem como principal objetivo confirmar ou não se as crianças adquirindo o nome nu na posição pós-verbal podem oscilar entre uma leitura incorporada e uma não incorporada. Só que antes de adentrar na discussão que envolve a incorporação semântica, torna-se necessário primeiramente rever como um teórico em específico se porta diante do processo de aquisição da linguagem, já que o estudo foi realizado com base em dados de fala de crianças adquirindo a linguagem, e posteriormente debater de maneira concisa o que vem a ser singular nu e o que alguns teóricos falam sobre incorporação nominal.

2. Breve recapitulação sobre o processo de aquisição de linguagem

Ao procurar explicar como ocorre o processo de aquisição da linguagem (1ª língua), será realizada uma breve explanação sobre uma teoria que discute a respeito da obtenção de linguagem em crianças por isso esta análise se concentrou na visão inatista de Avram Noam Chomsky.

Os estudos sobre aquisição da linguagem tomaram grande impulso a partir dos trabalhos do linguista Noam Chomsky no fim da década de 50, como uma forma de reação a corrente behaviorista vigente na época tendo como principal representante Skinner, como próprio coloca Freire (2005) “até pouco tempo antes do surgimento da gramática gerativa, em meados da década de 50, o estudo da linguagem era voltado para a concepção behaviorista

¹ Acadêmica do oitavo semestre em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UFPI.

Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq (2010 – 2011).

que enxerga a língua como comportamento, como estímulo e resposta, isto é, reforço positivo e / ou negativo”.

Chomsky apresenta a posição inatista radicalmente diferente da behaviorista, e afirma que “a linguagem é específica da espécie, dotada geneticamente e adquirida com o rompimento de um dispositivo inato fixo na mente” (SCARPA, 2001). Para o teórico o cérebro já vem todo programado, pois “a criança é uma programação natural que depois se transformará no indivíduo”, ajuízo, “o humano nasce com uma Gramática Universal (GU) dotada de princípios universais a todas as línguas e de parâmetros não-marcados que vão adquirir seu valor (+ ou -) por meio do contato com a língua materna” essa teoria é denominada de Princípios e Parâmetros.

A Gramática Universal (UG) é o estágio inicial do ser humano (S_0), onde está uma previsão daquilo que é comum a todas as línguas naturais (princípios). É interna e invisível, acredita-se que está localizada nos genótipos do falante. De acordo com essa teoria, a experiência pode acionar certos componentes já presentes e daí fixar certas opções; isto é, por meio do contato com a língua materna a criança seleciona ou não certos “valores” da UG, dada uma experiência desencadeadora apropriada. Por experiência desencadeadora, pressupõe-se (grosso modo) um ambiente lingüístico em que a língua materna possa ocorrer e servir de estímulo para a criança. (FREIRE, 2005, p. 5).

Chierchia (2003) faz uma comparação muito interessante, ao mostrar que “a linguagem parece nascer e se desenvolver na criança com grande naturalidade, de modo muito semelhante, por exemplo, à dentição”, essa afirmação apresenta pontos positivos com relação à visão de Chomsky sobre sua Gramática Universal, teoria de Princípios e Parâmetros e seu argumento básico chamado de “pobreza do estímulo”, pois apresenta a linguagem como algo que ocorre naturalmente. De acordo com Scarpa (2001), o argumento básico que Chomsky propõe revela que se:

Num tempo bastante curto (mais ou menos dos 18 aos 24 meses), a criança, que é exposta normalmente a uma fala precária, fragmentada, cheia de frases truncadas ou incompletas, é capaz de dominar um conjunto de regras ou princípios básicos que constituem a gramática internalizada do falante. (...) Isto é, esse mecanismo inato faz “desabrochar” o que “já está lá”, através da projeção, nos dados do ambiente, de um conhecimento lingüístico prévio, sintático por natureza.

Em suma, no processo de aquisição de linguagem segundo Chomsky, a criança vai ser exposta a um *input* (entrada) – conjunto de sentenças ouvidas no contexto, sendo o *output* (saída) – a gramática de uma determinada língua, ou seja, sua primeira língua. Isso significa que a gramática é interna e individual.

Freire (2005) revela ainda uma questão importante sobre o *input*, ao mostrar que em determinadas regiões do mundo, como por exemplo, no Brasil, a comunicação com bebês é inicialmente estabelecida por meio da utilização do Manhês (do inglês *Motherese*), linguagem essa que “possui algumas características únicas como entonação melódica, exagero na intensidade, foco nas ações presentes e imediatas e maior gramaticalidade”, no entanto destaca que em “determinadas culturas como a do povo kaluili, na Papua-Nova Guiné, e quiche, na Guatemala, a interação verbal entre crianças e adultos é mínima até que a criança consiga pronunciar palavras reconhecidas pela língua.” Isso tudo acaba por reforçar ainda mais a visão inatista, o mesmo autor também enfatiza que:

A existência do manhês surge então para acrescentar evidências de que o maior responsável pela aquisição de uma língua é a própria criança e não seus pais ou um outro adulto. A experiência que aciona o mecanismo presente na UG não deve ser

então limitada à uma fala artificial do manhês. Até mesmo porque estudos comprovam que a capacidade lingüística é adquirida com sucesso, mesmo por crianças que não tiveram o manhês como experiência lingüística. Com isso entende-se que a experiência de aquisição não é controlada, e sim programada geneticamente. Conclui-se, portanto, que existe uma relação muito pequena entre a maneira como a língua de uma criança emerge e o manhês (FREIRE, 2005, p.9).

Por tanto, este trabalho está mais próximo dessa visão que compreende a linguagem como um órgão geneticamente determinado.

3. Singular nu e incorporação semântica

Na presente análise o foco é o nome nu singular no PB e se ele é alvo de incorporação semântica. Nome nu singular são palavras que não estão ligadas ou vinculadas por determinantes ou quantificadores, Ilari (2003). No decorrer da sentença o nome nu singular pode ser encontrado antes e depois do verbo. Observe os exemplos abaixo, o que se denomina nome nu singular está em *itálico*:

- Nome nu na posição pré-verbal: ocorre em sentenças disposicionais (expressam possibilidades).

Exemplo 1: *Menino* estuda.

Papai bebeu todo o refrigerante depois do almoço.

Criança brinca.

- Nome nu na posição pós-verbal: ocorre tanto em sentenças disposicionais como em episódicas (expressam acontecimentos particulares).

Exemplo 2: Aquele menino estudou *matemática* na semana passada.

A Maria contratou *babá*.

O Pedro comprou *agenda*.

De acordo com (Sadock 1980; Baker 1988, 1996, 2007; Rosen 1989; Farkas e Swart 2003; Dayal 1999 e 2003; Johns 2003, 2005 e 2007; Barrie 2006; Barrie e Spreng 2007; Massam 2001 e 2007; Mithun 1984 e 1986; Van Geenhoven 1998; Chung and Ladusaw 2003 e Öztürk 2007) ² “a incorporação nominal ocorre quando um argumento em algum sentido torna-se parte do verbo, se funde ao verbo para juntos atribuírem a informação semântica”, portanto compreende-se esse evento como sendo um recurso utilizado pelo falante para indicar um tipo de ação específica.

Segundo esses autores “há várias propriedades associadas à incorporação do nome ao verbo, entre eles a falta de definitude, de escopo amplo, de especificidade e número (só nome neutro para número incorpora)”.

Apresenta-se abaixo uma sentença que exemplifica a afirmação citada anteriormente:

² Apenas faço referência aos autores que Taveira da Cruz (2008) citou em sua tese.

João jogou *bola*.

Neste item observa-se tanto a falta de definição, especificidade e número, porque não está claro qual bola e nem a quantidade. A partir disso será apresentado o que Dayal (2003) propõe como sendo as formas lógicas que diferenciam estruturas incorporadas das não-incorporadas:

João jogou *bola* com Pedro. (incorporação)

$\lambda P_{\langle e,t \rangle} \lambda y \lambda e [P\text{-jogar}(e) \ \& \ Ag(e) = y \ \& \text{Appropriately} - \text{Classificatory}(e)]$

(Objeto denota uma propriedade e funciona como um modificador do verbo: eles juntos denotam uma atividade institucionalizada, garantida pelo modal *appropriately-classificatory*).

João jogou *bola* pro Pedro. (não- incorporação)

$\lambda x \lambda y \lambda e [jogar(e) \ \& \ Ag(e) = y \ \& \ Th(e) = x]$

(Jogar- bola representa um verbo transitivo com dois argumentos: agente e tema).

Nas leituras que podem ser feitas, é possível observar claramente que o sentido subtendido no primeiro item vê-se o que Dayal (2003) propõe como “atividade institucionalizada”, pois jogar bola no PB remete necessariamente a jogar *futebol*, ou seja, denota um tipo de ação específica e no segundo mostra que o sentido depreendido de jogar futebol não se mantém fazendo a sentença possuir apenas uma leitura composicional a de que João *arremessou uma bola* para o Pedro, característico da não-incorporação.

3.1. Incorporação nominal no português do Brasil (PB)

A incorporação nominal pode ocorrer em diversas línguas, porém o foco será mantido no PB. Vários teóricos defendem a ideia de que aconteça incorporação no Português do Brasil, dentre eles Saraiva (1997), Dóron (2003) e Müller (2004). Segundo Saraiva: “a incorporação do nome ao verbo ocorre de forma produtiva, regular e sistemática”, pois para a autora “o nome parece estar qualificando o verbo” (1997, p. 110). Abaixo destacam-se exemplos criados por Saraiva, os destaques em *itálico* são meus representando verbo + nome (incorporação):

Exemplo 3: Eu só *comprei* *carro* este ano porque você insistiu.

João *alugou* *apartamento* durante vinte anos.

3.2. Não-incorporação semântica no PB

Entretanto, há autores que mostram que não existe a possibilidade de ocorrer a incorporação nominal no PB, Carlson (2006); Schmitt e Munn (1999, 2000, 2002), Munn e Schmitt (2001, 2005); Kester & Schmitt (2005); Lopes (2008); Dobrovie-Sorin e Pires de Oliveira (2007)³. Lopes (2008, no prelo), afirma que “o nome no PB é um DP (Determinal Phrase) tanto em contextos genéricos (DP com determinante nulo), como episódicos (fusão de

³ Apenas faço referência aos autores que Taveira da Cruz (2008) citou em sua tese.

D/NumP), por isso ele não pode ser incorporado ao verbo” (2008, p.2). Enfatizam-se abaixo alguns exemplos da autora:

Exemplo 4: *Criança* gosta de doce. Elas sempre pedem para comprar.

Tem *maçã* na cesta. Ela/elas não tava(m) madura(s), mas eu trouxe do mercado mesmo assim.

Nos exemplos citados acima (3 e 4), o nome no singular *criança* é acompanhado por um determinante nulo (*gosta*) e não está especificado o número de crianças, portanto ele só pode ser retomado pelo pronome plural, já em *maçã* o que se vê é que a retomada pronominal pode admitir tanto a forma singular quanto a plural.

3.3. Incorporação no português do Brasil como opção

Diante de tantas divergências, Taveira da Cruz (2008) propõe que a incorporação no PB ocorra somente em alguns casos e cita dois exemplos que comprovam essa afirmação:

Exemplo 5: Pedro jogou *bola*.

O João tomou *café* hoje às sete horas da manhã.

Segundo o autor as sentenças acima apresentam ambiguidade, sendo assim elas podem representar a versão incorporada e a não-incorporada:

Em Pedro jogou bola o único esporte possível no PB é o futebol (representando uma atividade institucionalizada: característica de incorporação), porém ao se deslocar o objeto para a periferia esquerda da sentença (# Bola, Pedro jogou) o sentido depreendido de jogar futebol não se mantém passando apenas a ter uma leitura composicional: há uma bola que Pedro jogou (não-incorporação); já a segunda sentença pode ser representada pelo evento de tomar café, remetendo ou uma atividade reconhecida pelo falante do PB não estando em causa o café em si (incorporação) ou ao próprio café: líquido (não-incorporação). (TAVEIRA DA CRUZ, 2008, p.94-97).

Perante isso o teórico mostra que “não são todos os casos que o nome nu pode incorporar ao verbo” negando desse modo a hipótese de Saraiva (1997), Dóron (2003) e Müller (2008), entre outros. Taveira da Cruz (2008) sugere que as expressões: *jogar-bola*, *tomar-café* e *pegar-onda*, são prováveis exemplos de incorporação semântica, porque para o mesmo “esses casos admitem incorporação do nome ao verbo”. No entanto, torna-se preciso ressaltar a importância do contexto em que a expressão está sendo utilizada, já que tais expressões podem apresentar ambiguidade.

4. Metodologia

Como forma de adequar explicativa e qualitativamente, foram examinados dados transversais de produção espontânea de quarenta e oito crianças com faixa etária em torno de (1 ano e 8 meses a 5 anos) dentre os quais foram destacados quatro: P. – entre 1 ano e 8 meses e 2 anos e 2 meses -, A. – 5 anos -, L. – 5 anos -, R. – 5 anos e 5 meses - ; sendo que ambos podem ser encontrados no site: <http://chilides.psy.cmu.edu/data/>, no programa CHILDES de

banco de dados (Child Language Data Exchange System), posteriormente foi realizada a descrição e a análise dos dados e por fim a elaboração do texto científico.

5. Resultados e discussão

5.1. Presença de nome nu singular na posição pós-verbal

Desde cedo (1 ano e 8 meses), foi possível perceber logo o nome nu singular (destacado em *itálico*) sendo usado em diversos momentos.

Exemplo 6:

Situação: O telefone toca e a criança está comendo bolacha.

*CRI: tejê [telefone]

*MÃE: pronto.

*CRI: tê [atender] *tejê* [telefone].

*CRI: *tejê* [telefone] focu [toca].

(P.: 1 ano e 8 meses)

O dado apresentado logo acima exemplifica o uso do nome nu na posição pré e pós-verbal durante o processo de aquisição da linguagem.

5.2. Presença de artigos nos dados averiguados

Dando prosseguimento à análise dos dados do programa CHILDES a pesquisa procurou enfatizar também a utilização de artigos nas falas das crianças avaliadas, pois no primeiro diagnóstico foi detectada uma grande quantidade de falas nas quais artigos definidos (o, a, os e as) e indefinidos (um, uma, uns e umas) não eram praticamente usados. A partir disso surgiram as seguintes hipóteses:

(A) Contextos onde não há o uso de artigos entre verbo e nome, determinam condições não-específicas e o nome na maior parte das vezes admite a denominação: massa ou não-contável.

(B) Contextos nos quais são utilizados os artigos determinam situações específicas e os nomes admitem a denominação: contável.

Exemplo 7:

Situação: Hora do almoço, criança chorando e falando com a mãe.

Criança: qué [quero] comê [comer] *pitsa* [pizza].

Mãe: espera um pouquinho.

Criança: comê [comer] *pitsa* [pizza]!

(P.: 1 ano e 10 meses)

Exemplo 8:

Situação: Criança conversando com a investigadora.

Investigadora: tu quer (queres) fazer sobre o dia de São João, só que daí tu tem (tens) que me contar a tua historinha, pode ser assim curtinha, como é que foi o dia de São João aqui na escola, que, que aconteceu?

Criança: é

Investigadora: como é que foi?

Criança: foi bom comi *pipoca*, mas era na sala da Inês que é ali. (Criança aponta para trás).

(R.: 5 anos e 5 meses)

Na sentença (7) observa-se a falta de definição, pois não está claro qual o tipo de pizza e nem a quantidade de pedaços (fatias). É perceptível também que como não houve o uso de artigos entre verbo e nome, os contextos das falas de (7) e (8) parecem indicar sentidos não-específicos e os nomes a denotação massa (não-contável). Seguindo assim a ideia que Saraiva (1997) destaca em um de seus trabalhos “há impossibilidade de se fazer o plural dos não contáveis (...) por isso esses nomes não podem ser precedidos de numerais ou certos itens com valor quantitativo”, por exemplo, *dois pipocas*, o que se acredita que consequentemente faz alguns nomes se encaixarem nessa denominação.

Exemplo 9:

Situação: Criança na sala juntamente com os pais e a investigadora se preparando para assistirem um filme.

Mãe: senta que o papai vai ligar o filme. (Referindo-se a criança)

Criança: eu vaj [vai] ligá [ligar] *u gavadô* [o gravador].

(P.: 1 ano e 10 meses)

O dado acima apresenta evidências de que mesmo uma criança com (1 ano e 10 meses) já percebe a diferença existente entre estruturas com uso de nomes + definidos das sem essa estrutura (nus), mesmo que isso ocorra involuntariamente.

Exemplo 10:

Situação: Criança conversando com a investigadora sobre uma viagem que fez a praia.

Investigadora: e tu ia [ias] com quem na praia?

Criança: com o meu irmão, com minha irmã, com o meu pai e aí a gente um dia [es] tava pegando *um peixe*, aí a gente saltava.

Investigadora: os peixes saltavam?

Criança: é.

(L.: 5 anos)

Já nas sentenças (9) e (10) nota-se com clareza que as mesmas trazem sentidos mais particulares, acredita-se que isso se deve em função do uso de artigos. Por tanto os itens destacados em *itálico* sugerem significados mais específicos, isso de certo modo torna as sentenças mais objetivas, como se os eventos ocorressem próximo dos indivíduos e os objetos ou coisas estivessem no mesmo campo visual.

Pelo que foi detectado até o momento a probabilidade de as suposições (A) e (B) serem confirmadas é bastante positiva, o que só acrescentará mais pontos ao final da pesquisa, no entanto ressalta-se que, com uma futura análise mais detalhada, será possível ver se as hipóteses propostas podem ou não ser comprovadas com mais precisão.

5.3. Incorporação e não-incorporação nominal nos dados apurados

Para nortear a discussão em torno da incorporação semântica no processo de aquisição de linguagem fez-se a opção pela análise descrita por Dayal (2003) em virtude de a autora ter estabelecido uma forma lógica que diferencia de maneira clara estruturas ditas incorporadas das não-incorporadas.

Seguindo com a investigação, percebeu-se a possibilidade de ocorrência de incorporação semântica em algumas das falas, pois as sentenças apresentaram o que Dayal (2003) denomina de “atividade institucionalizada”.

Destacam-se logo abaixo dois itens que exemplificam a proposta da autora:

Exemplo 11:

Situação: Criança lendo a sequência de uma história apresentada pela investigadora.

Investigadora: gosta (gostas) eu trouxe uma pra te mostrar hoje sabia (sabias)?

Criança: não.

Investigadora: daí tu olha (olhas) um pouquinho, daí tu me conta (dizes) o que tá (está) acontecendo.

Criança: eles tavam (estavam) jogando *bola* daí né.

Criança: daí né.

Investigadora: eles tavam (estavam) jogando *bola*.

Criança: eles tavam (estavam) jogando *bola* e começou a ficar nublado, choveu.

(A.: 5 anos)

A partir do que pode ser observado nota-se que *jogar-bola* no PB remete diretamente ao evento de *jogar-futebol* (atividade institucionalizada reconhecida no PB), e não que a bola está sendo arremessada para outro indivíduo qualquer.

No que se refere a não-incorporação percebeu-se também a presença do que a autora concebe como sentença onde não ocorre incorporação do nome ao verbo, e que foi mencionada na tese de Taveira da Cruz (2008).

Exemplo 12:

Situação: Criança na sala do jantar com os pais e a investigadora antes do jantar.

Criança: to ma (tomar) *ka fe* (café).

Pai: quem é?

Investigadora: vai tomar café?

Criança: to mej (tomei) *ka fe* (café).

Investigadora: você vai tomar café, vai?

Criança: qué (quer).

Investigadora: vai tomar café, vai?

Pai: sabia que ele vai?

Investigadora: quer?

Investigadora: mas dá para tomar café com isso aí.

Criança: ô (eu) to mej (tomei) *ka fe* (café).

Investigadora: achou né?

Pai: deu.

Criança: to mej (tomei) *ka fe* (café).

Criança: to mej (tomei) *ka fe* (café).

Pai: café é depois da janta.

Criança: to mej (tomei) *ka fe* (café).

Criança: a.

Pai: café é depois da janta, viu?

Investigadora: viu?

(P.: 2 anos e 2 meses)

Constatou-se assim que o nome *nu* mencionado pela criança no momento da fala não traz a ideia do evento de tomar café, portanto não se constitui em uma “atividade institucionalizada” reconhecida pelos falantes do PB (nesse caso não seria obrigatório o consumo do líquido café), no entanto o item (12) traz o sentido do próprio líquido (café), ao que parece a criança inicialmente não faz uso da incorporação na sua fala, os dados apontaram sua ocorrência mais tardiamente.

Portanto ao aplicar-se o que Dayal (2003) propôs nos dados pesquisados, pode-se verificar que a explicação que a autora sugere encaixa-se perfeitamente nas sentenças (11) e (12), ou seja, foram encontrados possíveis indícios de incorporação nominal durante o processo de aquisição de linguagem, desmitificando assim o que Carlson (2006); Schmitt e

Munn (1999, 2000, 2002), Munn e Schmitt (2001, 2005); Kester & Schmitt (2005); Lopes (2008); Dobrovie-Sorin e Pires de Oliveira (2007) defendem.

6. Conclusão

Perante a análise feita, percebeu-se que as crianças com faixa etária por volta de 2 anos ainda não fazem uso de expressões que apresentam a probabilidade de incorporarem, o que só foi constatado nas falas de crianças mais velhas em torno dos 5 anos de idade. Sendo assim a proposição estabelecida no projeto por Taveira da Cruz (2008) de que “as crianças adquirindo o nome nu podem oscilar entre leituras incorporadas e não-incorporadas”, parece se confirmar, os dados apresentaram evidências de que as crianças primeiramente fazem o uso de estruturas não-incorporadas para só depois utilizarem esse artifício na fala.

A partir da investigação aqui exposta, espera-se contribuir de alguma forma para a melhor compreensão deste fenômeno na estrutura gramatical, caso seja comprovado sua ocorrência no Português do Brasil, anseia-se também que a partir do que foi analisado possam surgir novas pesquisas sobre este intrigante tema.

Deste modo, reconhece-se que ainda há muito que se averiguar no que diz respeito à Incorporação Semântica, por se tratar de um tema bem complexo e que nos últimos anos tem gerado inúmeras polêmicas e questionamentos científicos entre os pesquisadores interessados no tema.

Referências

- BASSO, Renato Miguel. [et al]. Semântica e pragmática: delimitando os campos. In:_____. **Semântica**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2009. p. 13-24.
- CHIERCHIA, Gennaro. A hipótese gerativa: gramática universal e parâmetros de variação. In:_____. **Semântica e gramática universal**. Tradução de Luis Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- FREIRE, Gustavo Andrade Nunes. Variação e mudança lingüística na perspectiva da gramática gerativa. In:_____. **Variação e mudança lingüística na complementação sentencial do português europeu**. Monografia de graduação. Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2005. p. 1-12.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**: brincando com a gramática. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- LOPES, Ruth E. Vasconcellos. **Against a unified analysis for bare nouns in Brazilian Portuguese**. 2008, no prelo.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Semântica formal**: uma breve introdução. Campinas. São Paulo: Mercado das Letras, 2001. Coleção idéias sobre Linguagem.
- SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. **Buscar menino no colégio**: a questão do objeto incorporado em português. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.
- SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F & Bentes, A, C. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. v. 2, São Paulo: Cortez, 2001. p. 204-229.

TAVEIRA DA CRUZ, Ronald. **O singular nu e a (pseudo) incorporação no PB**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2008.